

A (des)construção da identidade em *As meninas*: liquidez, identificação e diferença

Tânia Maria de Araújo Lima (UFRN)¹

Alexsandro Lino da Costa (UFRN)²

Resumo:

Sabe-se que há muito vem-se discutindo no meio acadêmico que a identidade já não é mais centrada, una e coerente como um dia foi considerada – sem que necessariamente o fosse. Lygia Fagundes Telles, em seu romance *As meninas*, capta esse processo de liquidez e de fragmentação da identidade e acaba por transpô-lo para suas três protagonistas. Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, e Zygmunt Bauman, em *Identidade*, retratam em suas respectivas teorias sociológicas essa complicada e interminável transmutação identitária. Centraliza-se esta análise na protagonista que parece ser a mais vitimizada do romance, a Ana Clara, dependente química e abusada sexualmente na adolescência. Pretende-se discorrer sobre a dinâmica da “identificação”, processo no qual a identidade se revela ainda mais maleável, por mostrar-se em explícita construção. Atentaremos para as identidades que a personagem revela, ou ainda para as não identidades, visto que a identidade sempre é construída dialeticamente a partir de uma negação do seu oposto, o qual precisa ser excluído para que essa identidade possa firmar-se – ainda que se firme precariamente. Essa negação/diferenciação nunca se dá definitivamente, criando zonas difusas em que há uma negociação nunca concluída, o que deixa os pares excludentes em uma proximidade cambiável (eu/outro; bom/mau; masculino/feminino; lúcido/louco; prático/idealizado). Busca-se, ainda, focalizar como se dá a formação identitária, seja mediante o aspecto subjetivo dos conceitos psicanalíticos freudianos e lacanianos, seja por meio do aspecto histórico dos conceitos discursivos foucaultianos, aspectos estes apresentados por Tomaz Tadeu da Silva, em *Identidade e diferença*. Reconhecendo o complexo movimento que há entre a realidade e a ficção, e observando como esta apreende aquela – o jogo da *mimêsis*, como acrescenta Antoine Compagnon, em *O demônio da teoria* –, fazem-se considerações sobre a literatura e a sociologia, visando à difícil compreensão do objeto literário e da nossa sociedade.

¹ Orientadora, Professora Doutora Adjunta II do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: tanielimapoesia@yahoo.com.br

² Mestrando em Estudos da Linguagem/Literatura Comparada – PPGEL/UFRN.
E-mail: alexmu52@yahoo.com.br

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles, identidade, *As meninas*.

1 Introdução

O romance *As meninas* foi publicado originalmente no ano de 1973, em plena Ditadura Militar, driblando magistralmente a censura do AI-5, pois contém temas considerados mais do que “subversivos” para os padrões daquele governo. As temáticas e as personagens da narrativa permanecem atuais, e suas estruturas narrativas continuam modernas.

Lygia Fagundes Telles, a escritora, nasceu na capital de São Paulo em 1923 e, desde 1985, ocupa a cadeira número 16 da ABL (Academia Brasileira de Letras). Os *Cadernos de Literatura Brasileira* reconhecem em sua obra “aquilo que de mais elevado pode fazer a atual ficção brasileira” (1998, p. 8). Para muitos, o conto é o gênero em que a autora revela sua máxima excelência; todavia seus romances também são magistrais. *As meninas* é o seu terceiro romance e “arrebata todos os prêmios literários de importância no país: o Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, e o de ‘Ficção’, da Associação Paulista de Críticos de Arte” (CADERNOS, 1998, p. 13).

Alfredo Bosi, elencando autores como Aníbal Machado, Fernando Sabino, Dalton Trevisan, Autran Dourado, Otto Lara Resende, Carlos Heitor Cony, Dionélio Machado e outros, situa Lygia entre esses “escritores de invulgar penetração psicológica”, que “têm escavado os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e romances-de-personagens a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa” (BOSI, 2006, p. 414). Para estender essa comparação com autores, afirmaríamos que a escritora também se aproxima da escrita de Nélide P., Isabel Allende, M. Duras, Adriana Lisboa e Tatiana Salem Levy, dentre outras.

O crítico paulista, distribuindo “o romance brasileiro moderno, de 30 para cá, em, pelo menos, quatro tendências³, segundo o grau crescente de tensão entre o ‘herói’ e o seu mundo” (BOSI, 2006, p. 418), coloca a obra romanesca de Lygia no grupo de *romances de tensão interiorizada*, em que o “herói não se dispõe a enfrentar a antinomia eu/mundo pela

³ A saber: romances de tensão mínima, romances de tensão crítica, romances de tensão interiorizada e romances de tensão transfigurada (BOSI, 2006, p. 418-9).

ação: evade-se, subjetivando o conflito” (BOSI, 2006, p. 419). É o que vemos acontecer com suas três protagonistas: Lorena, estagnada pela inação na proteção dos devaneios e dos sonhos em seu quarto-concha; Ana Clara, alucinada sob o efeito de drogas e nos encontros secretos com seu amante, Max; e até Lia, cujos projetos de ação política estão na incerteza do futuro, havendo concretamente apenas a articulação de planos em reuniões com o grupo revolucionário do qual faz parte.

2 O enredo

As meninas é uma narrativa construída em torno de três protagonistas: Lorena, Lia e Ana Clara, que também têm a função de narradoras – há, ainda, um quarto narrador heterodiegético, de onisciência seletiva (FRIEDMAN, 2002), que ocasionalmente emerge no romance. Lorena, grosso modo, representa a tradição, tendo uma vida pacata e, pode-se dizer, alienada, pois em nada contesta a sociedade, como se estivesse satisfeita com as configurações sociais que a cercam – ainda que patrocine sua amiga Lia, a qual, ao contrário, é quase uma guerrilheira urbana, pois muito engajada nos planos de movimentos pró-libertação nacional e opositora da repressão política. Ana Clara pouco se importa quanto a questões sociais e políticas, desde que consiga ascender economicamente mediante um casamento com um homem que ela não ama; enquanto esse desejo não se realiza, ela apela ao consumo de drogas e ao convívio com o traficante Max, o amante verdadeiramente amado.

As três são universitárias e residem em um pensionato administrado por freiras que muito lhes dão suporte. Nos diálogos que as meninas mantêm com elas, percebe-se um grande apoio emocional, como se destaca neste trecho em que Madre Alix conversa com Lia:

– Tinha tanta coisa que lhe dizer, filha. E já nem sei por onde começar. Essa sua política, por exemplo. Me pergunto se você está em segurança. [...] Deus sabe que meu desejo maior é protegê-las e guardá-las para sempre, como se isso fosse possível. Se não interfiro, se não me aproximo é porque não quero que pensem em vigilância, fiscalização. Vocês bateriam as asas mais depressa ainda (TELLES, 2009, p. 147).

Simbolicamente, Lorena cursa Direito; Lia, Ciências Sociais; e Ana Clara, Psicologia (a matrícula mantém-se trancada durante toda a narrativa). Recém-chegadas à idade adulta, essas meninas representam em suas múltiplas identidades os dilemas morais e

as transformações sociais que caracterizaram a época e que se estendem à nossa contemporaneidade. As identidades de classe social, de raça, de nacionalidade, de língua, de política, de sexualidade e de religião são problematizadas, continuamente questionadas.

Ao fim do romance, Lorena continua protegida em seu quarto-concha do pensionato; Lia na possibilidade de viajar perigosamente para a Argélia, onde se encontraria com seu namorado Miguel, recém-trocado por um refém de guerra; e Ana Clara, depois de uma overdose, morta em um banco de praça, amorosamente lá acomodada por suas duas amigas para evitar complicações futuras para as freiras do pensionato, as quais certamente receberiam visitas policiais em investigações sobre a morte da personagem.

3 O conturbado mundo de Ana Clara

Infância muito pobre. Cenas de violência doméstica contra a mãe e contra si mesma. Abuso sexual. Sucessivos traumas. Paraíso infernal das drogas. Amor. Idealização do futuro através de um casamento por interesse financeiro. Morte. A vida de Ana Clara foi curta e perturbada. Tudo já era incerto, e a morte desfez esse tudo em nada. A *menina* não se concretiza em *mulher*: conclui-se inacabada. Nessa vida conturbada, ela revelou traços listados por Sigmund Freud, em *O mal-estar na cultura*:

A vida, tal como nos é imposta, é muito árdua para nós, nos traz muitas dores, decepções e tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos prescindir de lenitivos. [...] Esses expedientes talvez sejam de três tipos: distrações poderosas que nos façam desdenhar nossa miséria, satisfações substitutas que a amenizem e entorpecentes que nos tornem insensíveis a ela. Algo desse gênero é imprescindível. Voltaire tem em vista as distrações quando termina o seu *Cândido* com o conselho de que se deve cultivar o próprio jardim; a atividade científica também é uma distração desse tipo. Satisfações substitutas tais como as oferecidas pela arte são ilusões se comparadas com a realidade, mas mesmo assim não são menos eficazes psicologicamente, graças ao papel que a fantasia conquistou na vida psíquica. Os entorpecentes influenciam o nosso corpo, alteram o seu quimismo (FREUD, 2010, p. 60-1).

Ana Clara buscou esses três expedientes. As distrações: científicas nos estudos de Psicologia (“Me forro de dinheiro faço meus cursos compro um laboratório que nem aquele” – TELLES, 2009, p. 49); sexuais com o amante Max (“Dou a boca dou tudo. [...]

Abro os braços. Ele desaba no meu peito. Te amo sim” – TELLES, 2009, p. 50). As satisfações substitutas trazidas pela arte e pela fantasia: “Teria que ser um analista bossa São Sebastião, aquele das flechas, bonito e bom. Então ela se apaixonava por ele e se salvava pelo amor, como nas revistinhas que adora ler” (TELLES, 2009, p. 31). Mas ambas juntas foram insuficientes para se sobrepor à sua miséria, e o apelo aos entorpecentes foi incontrolável, crescente, dominador, exterminador: “As pupilas de Ana Clara também dilatadas mas por outros motivos, coitadinha, a droga excita a pupila com a mesma força do medo” (TELLES, 2009, p. 60).

Se tivéssemos de delinear a configuração identitária de Ana Clara, diríamos que ela busca ocultar sua identidade de classe social proletária por meio de uma ascensão burguesa via casamento:

Te amo Max. Te amo, mas em janeiro, meu boneco. Em janeiro vida nova. Tirar o pé da lama. Você já foi rico, agora é minha vez, não posso? Ano que vem *stop*. Um escamoso mas podre de rico. Então.

[...] Mas no ano que vem, meu boneco, vida nova. Está me ouvindo, amor? Vida nova.

Com dinheiro e casada não precisaria mais de nenhuma ajuda, ora, análise. Nenhum problema mais à vista. Livre. Destrancaria a matrícula, faria um curso brilhante. Os livros que teria que ler. As descobertas sobre si mesma. Sobre os outros.

– Mesmo essas coisas que a gente. Me enriqueci com a experiência, não enriqueci? Intelectual burguesa. Podre de chique. E aquela terrorista subdesenvolvida ainda. Papo furado, minha boneca. Liberdade é segurança. Se me sinto segura, sou livre (TELLES, 2009, p. 39-44-5).

Nesse trecho, há uma referência à necessidade da **diferença** para se estabelecer uma identidade: não basta para Ana Clara olhar somente para si e enxergar-se bem-sucedida intelectual e financeiramente; é preciso tomar o outro como meio comparativo e excludente: “E aquela terrorista subdesenvolvida ainda. Papo furado, minha boneca”. Aludindo à Lia, a negação é dupla: a outra é **terrorista**, mas ela terá seu lugar reconhecido e bem visto na sociedade; a outra é **subdesenvolvida**, ela, porém, através do dinheiro, poderá rotular-se “desenvolvida”, **intelectual burguesa, podre de chique**. O discurso de Lia também é atacado (“Papo furado, minha boneca”), revelando um desejo de autoafirmação.

Há uma necessidade revelada no trecho: a de autoconhecimento: “As descobertas sobre si mesma. Sobre os outros”, necessidade que se estende às inúmeras seções de análise com o Doutor Hachibe. Provavelmente, as carências e os traumas da personagem

são oriundos da infância:

Então à meia-noite a princesa virava abóbora. Quem me contou isso? Você não mãe que você não contava história contava dinheiro. A carinha tão sem dinheiro contando o dinheiro que nunca dava pra nada. “Não dá”, ela dizia. Nunca dava porque era uma tonta que não cobrava de ninguém. Não dá não dá ela repetia mostrando o dinheirinho que não dava embolado na mão. Mas dar mesmo até que ela deu bastante. Pra meu gosto até que ela deu demais. Uma corja de piolhentos pedindo e ela dando. O mais importante foi o Doutor Algodãozinho (TELLES, 2009, p. 37-8).

A insatisfação e a revolta contra as relações amorosas da mãe provêm da violência à qual Ana Clara era exposta. Os amantes e os namorados de sua progenitora eram sempre bêbados, violentos e, por vezes, abusavam da própria Ana Clara, como se revela neste trecho em que há corrupção médica de um dentista:

– Então o Doutor Algodãozinho era bom.
Era. Era ótimo. Mudava o algodãozinho enquanto o buraco ia aumentando. Aumentando. Cresci naquela cadeira com os dentes apodrecendo e eu esperando apodrecer bastante e eu crescer mais pra então fazer a ponte. Uma ponte pra mãe e outra pra filha. Bastardo. Sacana. As duas pontes caindo na ordem de entrada em cena. Primeiro a da mãe que se deitou com ele em primeiro lugar e depois...
[...] Até hoje não posso nem ver cerveja porque ele me atendia depois do jantar, hora dos clientes mais miseráveis e no jantar naturalmente emborcava sua meia garrafinha. Filho da puta.
– Queria botar a broca no dente dele zzzzzz e varar o dente assim bem no fundo zzzzzzzzzzzz e varar a carne e varar o osso zzzzzzzzzzzz (TELLES, 2009, p. 38-9-40).

4 A identidade-líquida na sociedade-líquida

Zygmunt Bauman, em *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*, discorre sobre a liquidez que caracteriza a sociedade contemporânea. A sociedade é uma extensão da identidade: se o âmbito identitário que abrange indivíduos e grupos de indivíduos é líquido, a sociedade, ou comunidade, conseqüentemente, por ser o conjunto desses indivíduos e grupos, revelará, também, características líquidas.

O adjetivo **líquido** é utilizado pelo sociólogo polonês como modo de nomear o caráter fluido, demasiado maleável e difícil de apreender pois fugidio das identidades e comunidades hodiernas: “a identidade [...] é, pela própria natureza, intangível e

ambivalente” (VECCHI, 2005, p. 8). Daí podermos nomear de **líquida** a identidade das personagens de *As meninas*.

5 Aspectos inconscientes da identidade

Considerando as proposições de Freud e as reformulações de Lacan, ambos abordados por Kathryn Woodward em “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, pode-se pensar a identidade – e seus processos de identificação – como a busca por um passado prazeroso em que mãe e criança eram um só. Com o fim da “fase imaginária”, chega-se à “fase do espelho”, quando há a consciência definitiva do rompimento com a mãe, e a criança se reconhece como um ser autônomo e separado do ser materno. Isso se dá pelo ver-se como um ente individual, por reconhecer-se a imagem seja no espelho, seja pelos olhos dos outros. Porém tal passagem não é agradável, mas quase traumática: a imposição da figura paterna – que reivindica a mãe para si e rouba o objeto de desejo da criança – é a primeira figura da alteridade, que se faz mediante uma relação de poder: a masculinidade desejante opressora, isto é, “a lei do pai”:

O pai representa uma intromissão externa; o pai representa o tabu contra o incesto, o qual proíbe a fantasia que a criança tem de se casar com a mãe bem como a vontade da mãe em ter a criança como o objeto de seu desejo. O pai separa a criança de suas fantasias, enquanto o desejo da mãe é reprimido para o inconsciente (WOODWARD, 2012, p. 65).

Ao estar alheio à figura materna, resta à criança um único meio de acesso à satisfatória sensação de pertencimento: a identificação, por meio da qual serão construídas identidades que lhe permitirão firmar elos com o outro, propiciando um saciar de um estado primordial em que o desejo era continuamente realizado, pois o “início da formação da identidade ocorre quando o infante se dá conta de que é separado da mãe” (WOODWARD, 2012, p. 64). Daí o porquê de investirmos em identidades: para nos vincularmos aos outros na via de mão dupla de desejar e ser desejado – “Por depender, para sua unidade, de algo fora de si mesma, a identidade surge a partir de uma falta” (WOODWARD, 2012, p. 64).

É nesse momento de separação que o inconsciente⁴ é criado na criança. Para a mãe,

⁴ “O inconsciente, de acordo com a psicanálise, é formado de fortes desejos, frequentemente insatisfeitos, que surgem da intervenção do pai entre o filho ou a filha e sua mãe. Ele está enraizado em desejos insatisfeitos,

cujo inconsciente já está formado, há somente mais um desejo reprimido e depositado, então, nas zonas da inconsciência. No infante, além do surgimento do inconsciente, ocorre a entrada no mundo social – por meio das relações de poder –, no universo dos símbolos culturais e na linguagem, pois, depois que o

mundo do imaginário e do desejo pré-edipiano pela mãe é deixado de lado, é a linguagem e o simbólico que passam a fornecer alguma compensação, ao proporcionar pontos de apoios linguísticos nos quais se torna possível ancorar a identidade (WOODWARD, 2012, p. 65).

A importância do estudo do inconsciente para as perspectivas que tomam a identidade como algo fragmentado e fluido está na ideia de que o “conceito de inconsciente aponta para uma outra dimensão da identidade” (WOODWARD, 2012, p. 67). A configuração identitária múltipla, conflitiva e líquida – nunca concluída, sempre em processo – seria uma extensão da natureza da psique humana:

Em vez de um todo unificado, a psique compreende o inconsciente (o *id*); o supereu, que age como uma “consciência”, representando as restrições sociais; e o ego, que tenta fazer alguma conciliação entre os dois primeiros. Ela está, assim, em um estado constante de conflito e fluxo. A experiência que temos dela pode ser vivida como dividida ou fragmentada. [...] Para Lacan, o sujeito humano unificado é sempre um mito (WOODWARD, 2012, p. 63-4).

A Psicanálise explica, mediante o inconsciente, aspectos universais da formação da identidade: são processos intrínsecos ao ser humano enquanto espécie, de modo geral. Sabemos, porém, que há fatores específicos, tanto individuais quanto coletivos. Essa coletividade a que nos referimos é o meio-termo entre o particular e o universal: não se trata do homem enquanto ser biológico nem individual, mas enquanto ser social, considerando as inúmeras e incontáveis **comunidades** humanas existentes.

Ana Clara tem o desejo de se integrar em uma classe específica: a dos ricos. Para tanto, faz-se necessária a rejeição de sua identidade construída na classe subalternizada, que condiciona seus hábitos cotidianos e seu comportamento. Por estar na classe dominante, a identidade revelada nesses hábitos e comportamentos mudará; com isso, Ana Clara também terá de mudar. Tal mudança não se refere a um aspecto humano geral, mas a

em desejos que foram reprimidos, de forma que o conteúdo do inconsciente torna-se censurado pela mente consciente, passando a ser-lhe inacessível. Entretanto, esses desejos reprimidos acabam encontrando alguma

um condicionamento específico, individual, que busca se homogeneizar em um critério de grupo, mais amplo.

6 A formação da identidade pela linguagem e pelo discurso

Todos nós sabemos do peso que a linguagem possui sobre a realidade: a palavra tem às vezes um poder criador. Prova disso é a ideologia, que cria inúmeras “armadilhas linguísticas” por meio das quais há induções de comportamento e mascaramentos de imposições de poder. Com a identidade, ocorre o mesmo: a linguagem atua sobre nossas construções identitárias, como nos mostra Tomaz Tadeu da Silva, em “A produção social da identidade e da diferença”:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de *criação* significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

Dizer, por sua vez, que identidade e diferença são o resultado de atos de criação *linguística* significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. Isto parece uma obviedade. Mas como tendemos a tomá-las como dadas, como “fatos da vida”, com frequência esquecemos que a identidade e a diferença têm que ser nomeadas. É apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais (SILVA, 2012, p. 76, grifo do autor).

Essa consciência da relação entre linguagem e identidade evidencia que não há uma “instância natural de identidade”, mas sim uma **construção** identitária, algo fabricado, uma convenção humana necessária para que nos agrupemos, para que nos liguemos aos outros, evitando uma dispersão que traria mais angústia à nossa existência. A identidade, contudo, não é apenas positiva quando nos situa em relação a grupos; ela também é nociva, pois nos põe em posições hierárquicas diferentes, situando-nos abaixo ou acima de outros, visto que as “etiquetas” identitárias são inexoravelmente classificatórias, excludentes, e nisso surgem critérios valorativos, nos quais se revelam relações de poder, pois a

forma de expressão [...]” (WOODWARD, 2012, p. 62).

identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas (SILVA, 2012, p. 81).

Uma consequência de a identidade depender da linguagem para instituir-se reside na instabilidade linguística. Se a linguagem é, por si só, instável, a identidade, por extensão, também o será; e com isso percebemos mais uma vez que as instâncias identitárias tendem sempre a uma não sustentabilidade:

se é verdade que somos, de certa forma, governados pela estrutura da linguagem, não podemos dizer, por outro lado, que se trate exatamente de uma estrutura muito segura. Somos dependentes, neste caso, de uma estrutura que balança. [...] o processo de significação é fundamentalmente indeterminado, sempre incerto e vacilante. [...] a linguagem é caracterizada pela indeterminação e pela instabilidade. [...] Na medida em que são definidas, em parte, por meio da linguagem, a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade (SILVA, 2012, p. 80).

7 Stuart Hall e a identidade cultural

Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, livro basilar para a questão identitária do mundo contemporâneo, Stuart Hall faz um breve mapeamento das mudanças pelas quais passaram historicamente os modos de se ver o sujeito. Haveria o sujeito do Iluminismo, pretensamente centrado, racional e unificado, igualmente coeso por toda a sua existência devido à sua “essência imutável”, tratando-se de uma visão individualista. Haveria também o sujeito sociológico, que acompanhava a complexidade do mundo moderno e era formado na relação com outras pessoas, revelando-se uma concepção interativa: ainda que o sujeito possuísse seu “eu real”, ele acompanharia, coerentemente, as identidades que os mundos culturais oferecem. E, por fim, há o sujeito pós-moderno, “fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2005, p. 12).

É a partir desse tipo de sujeito cuja identidade é móvel e mutável que Lygia Fagundes Telles parece construir as protagonistas de *As meninas*: personagens que nos sugerem, em cada leitura do romance, um caráter identitário cambiante e escorregadio, cuja apreensão é impossibilitada por uma dúvida constante. Com isso, revelam-se

“identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas” (HALL, 2005, p. 46), as quais são tão verossímeis na Literatura que parecem mais uma extensão identitária dos indivíduos do mundo.

(In)conclusão

Neste texto, pudemos conhecer algumas teorias que versam sobre a fragmentação, a instabilidade e a liquidez da identidade; apresentamos como Lygia Fagundes Telles apreende um período histórico e cultural em que esteve inserida e cria personagens cuja verossimilhança quase concretiza seres reais. No percurso entre Literatura, Sociologia e Psicanálise, acreditamos aperfeiçoar nossa capacidade de observação da realidade que nos cerca, propiciando autoconhecimento e um melhor entendimento do outro, essa alteridade sem a qual não vivemos. Lendo *As meninas* de Lygia, aprendemos sobre nós mesmos e sobre as pessoas que nos cercam.

Longe de ser alienada e alienante, a arte literária nos situa no mundo e nos põe em contato com um tipo particular de saber, humanizando-nos e guiando-nos pela existência, sem que para isso nos imponha modelos e padrões, mas nos lance em um oceano de possibilidades, pois as “multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 10).

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Número 5 – *Lygia Fagundes Telles* (mar. 98). Instituto Moreira Salles.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. *Revista USP*. São Paulo, n. 53, p. 166-182, março/maio 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 103-133.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 73-102.

TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. Posfácio de Cristovão Tezza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VECCHI, Benedetto. Introdução. In: BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 7-72.